

A ABORDAGEM DA LEITURA LITERÁRIA SUGERIDA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS DO ENSINO MÉDIO

Francisca Marilene de Castro Rodrigues¹

Isaíde Bandeira da Silva²

Jaquelânia Aristides Pereira³

RESUMO

Muitas são as críticas sobre os materiais utilizados para o ensino de literatura nas escolas. Este artigo problematiza o uso do livro didático nas aulas de Português do Ensino Médio, refletindo a abordagem da leitura literária como contribuição para o letramento literário. Com base nas ideias de autores como Rüsen (1997), Chartier (1998) e Choppin (2004), discutiremos a importância dada a esse material didático nas escolas como instrumento essencial ao processo ensino-aprendizagem e de que maneira os alunos e professores enxergam-no como meio de transformação para produção de conhecimento através de análise da abordagem literária em dois capítulos de dois livros de ensino médio, com base também em relatos de dois professores de uma escola pública do município de Palmácia-Ceará. Notaremos que a utilização do material didático é importante, mas não é tratado como único e essencial na construção do conhecimento.

Palavras-chave: Ensino Médio, leitura, livro didático.

INTRODUÇÃO

O processo de aquisição dos livros didáticos nas escolas públicas é uma grande conquista social. Se compararmos o ensino antes e após livro didático, notaremos que os alunos perdiam muito tempo de estudo porque precisavam reproduzir muitos conteúdos que o professor copiava no quadro a partir dos seus resumos e que as coisas tiveram perspectivas de mudança quando os estudantes passaram a ter todo material de que precisavam para suas pesquisas reunidos num mesmo instrumento: o livro didático.

Não obstante a todas as dificuldades que são colocadas por alguns sujeitos do cotidiano escolar e pesquisadores para o uso do livro didático, há um reconhecimento por muitos outros pesquisadores, professores e alunos para a experiência positiva de trabalho com esse material. Rüsen (1997), ao falar do livro de História, coloca como instrumento ideal

¹ Mestranda em Curso Interdisciplinar em História e Letras da Universidade Estadual do Ceará- UECE, marilenerodrigues20@hotmail.com;

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Profª adjunta do Curso de História da UECE-FECLESC, isaide.bandeira@uece.com;

³ Professor orientador: Doutora em Literatura pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB, jaquelania.pereira@uece.br

quando possibilita interpretações históricas como estímulo e orientação para o presente, relacionando com as perspectivas futuras. Para alguns professores, o essencial é que o livro facilite o aprendizado do aluno. E acreditamos que esse é o intuito do livro didático: facilitar o processo ensino-aprendizagem.

Diante disso, resolvemos analisar como a proposta de leitura literária se apresenta nos livros de Português do Ensino Médio, a fim de refletir até que ponto o material didático pode vir a contribuir com o desenvolvimento das habilidades de leitura e, conseqüentemente, de escrita.

A nossa maior preocupação em torno da análise dos capítulos dos livros é se há neles propostas de leituras literárias que contribuam para o letramento literário dos jovens no ensino Médio. Um dos maiores desafios na escola é despertar nos jovens o prazer em ler livros impressos de uma maneira a conhecer e refletir o conteúdo abordado nos textos, a construção da linguagem e estrutura textual, principalmente obras da literatura, frente a uma sociedade cheia de instrumentos digitais que facilitam e intensificam a quantidade de informação que circula no cotidiano. Conforme diz Helena Rojo, as reflexões sobre letramentos aconteceram graças:

(...) a intensificação vertiginosa e a diversificação da circulação da informação nos meios de comunicação analógicos e digitais, que, por isso mesmo, distanciam-se hoje dos meios impressos, muito mais morosos e seletivos, implicando, [...] mudanças significativas nas maneiras de ler, de produzir e de fazer circular textos nas sociedades. (ROJO, 2010, p. 435)

No contexto da cibercultura, convencer os alunos de que o livro didático pode ser um instrumento de desenvolvimento para a sua educação tornou-se um desafio. Outro problema, além de serem bem extensos e os alunos reclamarem do peso, é que, na sua grande maioria, eles trazem apenas o resumo de algumas obras literárias e intensificam mais as características de movimentos literários. Salientamos, contudo, que para muitas escolas, e para a realidade de muitos alunos, é o único acesso à leitura que eles têm.

Refletiremos ao longo deste artigo os usos do livro didático, abordando sucintamente as suas origens, para posteriormente discutir o uso do livro nas aulas de Português e em seguida, analisar brevemente - com base em dois capítulos de dois livros do Ensino Médio, um do 1º Ano e outro do 2º Ano - a abordagem e as sugestões de leitura literária que o livro possibilita aos alunos conhecerem. O primeiro livro didático analisado foi *Português - Ensino Médio*, volume 2, de José de Nicola, da Editora Scipione, 1ª edição, 2000, e, o segundo,

Português Linguagens - Ensino Médio, volume 1, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, da Editora Saraiva, 9ª edição, 2012.

O USO DO LIVRO DIDÁTICO E SUAS ORIGENS

O livro didático até se transformar no que é, hoje, passou por muitas transformações físicas e de conteúdo, isto é, para que fosse organizado e tivesse o formato que tem, sofreu inúmeras transformações e avanços para a melhor utilização do leitor. Por muito tempo, foi objeto raro, de pertencimento às pessoas de maior recursos financeiros. Mesmo no ambiente escolar, poucos alunos tinham o privilégio de ter acesso a esse material. Não obstante, uma das maiores conquistas da educação brasileira foi a aquisição de livros didáticos como apoio para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos da rede pública.

No século XVIII, com o desenvolvimento das artes e das ciências, o tema mais predominante era a relação do homem com o mundo natural e social. E nesse sentido, uma ambição enciclopédica surgiu como necessidade para mostrar a história nacional, pois o livro era considerado “instrumento privilegiado para a definição de uma história nacional que se procura através da propaganda monárquica, da erudição maurina e das nostalgias nobiliárias” (CHARTIER e ROCHE, 1995, p.104). Aos poucos, a partir das revoluções culturais da produção parisiense, o livro foi se transformando, mostrando as leituras de uma sociedade através da autorização das produções.

Além do conteúdo, o título, a ilustração e a tipografia que o livro trazia eram considerados indicadores para muitas interrogações e reflexões, a partir disso, há uma tomada de conhecimento das múltiplas significações trazidas pelo livro. Com isso, observamos a fonte inesgotável de riqueza que o livro traz e isso é o que fascina, como diz Chartier (1995) “no tempo de um positivismo triunfante que reduzia a história ao discurso, parecia encerrar, juntamente com o manuscrito, tudo o que o pesquisador devia descobrir para chegar aos fatos” (CHARTIER, 1995, p. 111), referindo-se à riqueza de conteúdos e histórias presentes nos livros.

Desde o final do século XIX até os dias atuais, a educação pública brasileira luta para que o livro didático seja instrumento de acesso aos alunos para facilitar a aquisição dos conhecimentos. Desde a sua consolidação na escola, através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em 1937, ele tem passado por inúmeras transformações, tanto físicas quanto de conteúdo e atendendo às necessidades e exigências de cada época. O PNLD passou por

aperfeiçoamentos, deixando de ser simplesmente manual de apoio para material de uso concreto para pesquisa em sala de aula e, ainda, o direito antes atribuído apenas às séries do ensino fundamental, hoje garante o uso também no ensino médio. Sendo assim, o Programa, atualmente, atende a Educação Básica.

Grandes reflexões são levantadas sobre o uso do livro didático em sala de aula. Para muitos profissionais, há uma grande dificuldade em usar o livro em sala porque ele ainda está longe de ser o ideal. Recordamos, pois, para o que nos afirmavam Oliveira & Oliveira (2014) quando dizem que o livro didático ideal está na mente de cada profissional. Por ser um instrumento de pesquisa, cabe ao professor aplicar as melhores metodologias para que aquele objeto contribua com o aprendizado dos educandos. Ao afirmarem isso, Oliveira & Oliveira (2014) nos fazem refletir sobre as dificuldades que os professores dizem sentir em usar o livro em sala. Muitos são os fatores que, segundo eles, mais atrapalham as aulas do que contribuem. Muitos alunos deixam de levar o livro porque é pesado; em muitas realidades o livro é tido apenas como um material de resumo, com seu conteúdo pouco explorado; em outros casos, ainda, os professores veem o livro didático como vilões, pois pensam que ele é o único material que devem utilizar ou que por influência de instrumentos tecnológicos, consideram que adquirem mais atenção da turma se usá-los e o material impresso com uma riqueza de conteúdo é descartado ou ignorado pelo professor.

De acordo com o que afirma Choppin (2004):

O livro didático não é, no entanto, o único instrumento que faz parte da educação da juventude: a coexistência (e utilização efetiva) no interior do universo escolar de instrumentos de ensino-aprendizagem que estabelecem com o livro relações de concorrência ou de complementaridade influi necessariamente em suas funções e usos. Estes outros materiais didáticos podem fazer parte do universo dos textos impressos (quadros ou mapas de parede, mapasmúndi, diários de férias, coleções de imagens, “livros de prêmio” — livros presenteados em cerimônias de final de ano aos alunos exemplares — enciclopédias escolares...) ou são produzidos em outros suportes (audiovisuais, softwares didáticos, CD-Rom, internet, etc.). Eles podem, até mesmo, ser funcionalmente indissociáveis, assim como as fitas cassete e os vídeos, nos métodos de aprendizagem de línguas. O livro didático, em tais situações, não tem mais existência independente, mas torna-se um elemento constitutivo de um conjunto multimídia (CHOPPIN, 2004, p.553).

Os usos do livro em sala de aula podem ser vistos como um grande desafio hoje, em pleno início do século XXI. Mas embora existam inúmeras mídias que estão inseridas nas aulas por conta do atual momento de desenvolvimento tecnológico, o livro é, para muitos,

principalmente alunos, instrumento completo, já que após ser adotado por toda a educação básica trouxe imagens, sugestão de filmes e vídeos, e agora até códigos de acesso a outros *links* tratando do assunto abordado. Isso significa que há uma atualização nas abordagens do conteúdo pelo livro e que para executá-las é preciso utilizar a tecnologia. E o material acaba sendo um complemento ao livro didático.

É importante que percebamos a importância do uso do livro em sala de aula, mesmo porque há realidades de ensino público em que o único material de que o professor dispõe para trabalhar os conteúdos ainda é o livro didático. Há situações em que a escola disponibiliza apenas um material multimídia para todas as turmas. Enquanto o recurso federal através do PNLD garante o livro a todos os alunos. Com isso, podemos dizer que deve ser um material indispensável à prática pedagógica no processo de ensino-aprendizagem nas escolas.

A LEITURA LITERÁRIA ABORDADA NO LIVRO DE PORTUGUÊS DO ENSINO MÉDIO COMO CONTRIBUIÇÃO AO LETRAMENTO LITERÁRIO

Ao longo do tempo, significativas modificações curriculares foram sendo feitas, especialmente a disciplina de Português que passou por várias mudanças. De acordo com Magda Soares (2002), até aproximadamente a primeira metade do século XX, o estudo da língua era baseado na gramática e no estudo de textos de autores consagrados, porque os alunos da época precisavam saber o sistema da língua e a oratória para aprenderem a expressão oral, da mesma forma que apenas as camadas mais favorecidas da sociedade tinham acesso. Contudo, a oratória estava sendo substituída pela retórica e a poética, com estudos estilísticos, pois aquela preocupação com o falar bem - principal objetivo do estudo da língua dos séculos XVI ao início do XX - já não era uma exigência social. A habilidade de escrever bem já tinha passado a ser a maior exigência.

A partir da segunda metade do século XX, muitas mudanças nas condições sociais e culturais ocorreram e o acesso à educação foi facilitado para todas as pessoas, inclusive para as menos favorecidas socialmente. Com as reivindicações das camadas populares pela escolarização, a necessidade de reformulação curricular foi necessária, as exigências culturais também se modificaram e a disciplina de Português ganhou uma nova roupagem: a grande preocupação com a oratória e com a gramática passou a ser substituída por abordagens que abrangessem todas as camadas sociais. Foi então que os manuais - que até então traziam textos de acesso apenas aos professores e estes os analisavam e os discutiam conforme

quisessem – trouxeram os textos atrelados à gramática. Desse modo, “ora é na gramática que se vão buscar elementos para a compreensão e a interpretação do texto, ora é no texto que se vão buscar estruturas linguísticas para a aprendizagem da gramática” (SOARES, 2002, p. 167)

Assim, a Língua Portuguesa passou a ter uma abordagem diferente. Já não era mais um estudo de gramática, mas um estudo contextualizado em que as regras de escrita passaram a ter sentido quando aplicadas dentro de um contexto social e de comunicação. Desse modo, os manuais de apoio utilizados pelo professor foram passando para os alunos, e mais tarde, transformaram-se ainda em livros didáticos. No ensino médio, em que o uso dos livros didáticos de Português ocorreu já no século XXI, foi reproduzido inicialmente em volume único para as três séries e em seguida, após uma reinvenção do material, cada série passou a ter seu livro didático específico.

Um dos significativos aspectos mais discutidos em torno da escolha dos livros didáticos é a abordagem dos seus conteúdos. Ultimamente, os livros utilizados nas aulas de Português procuram englobar os mais diversos conteúdos da língua e da literatura, mesmo que de forma resumida. Embora trabalhar esses aspectos gramaticais seja importante para a formação do aluno, a grande preocupação da maioria dos educadores, hoje, é formar estudantes que saiam do ensino médio com as habilidades desenvolvidas e tendo adquirido as devidas competências para o uso da língua, baseadas na leitura e escrita.

Uma das grandes reflexões geradas em torno do livro didático nas aulas de Português é a forma que a leitura é nele apresentada, principalmente a leitura literária, visto que junto ao estudo de literatura, o livro traz também produção de texto e a análise linguística. Muitas vezes essas três vertentes estão separadas no livro. A partir disso, analisaremos, a seguir, em dois livros de Português do Ensino Médio, como a leitura literária se apresenta nos dois e de que maneira elas podem ou não contribuir para o letramento literário dos alunos.

O LIVRO DIDÁTICO COMO MATERIAL DIDÁTICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO

Durante uma conversa com dois professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio da Escola Profissional Giselda Teixeira, em Palmácia-CE, refletimos sobre o livro didático de Português em suas aulas. Segundo relatos deles, os textos que o livro traz, na maioria das vezes, é desinteressante ao aluno. Além disso, não são todas as turmas que receberam livro

didático e quando ele é utilizado nas turmas que têm acesso ao livro, os docentes preferem usar slides ou TDs durante a exposição dos conteúdos.

Os professores salientaram ainda que aproveitam muita coisa do livro, mas ele não é a principal e nem única ferramenta para o ensino da Língua Portuguesa. Atualmente, apenas as turmas de 1º e 2º anos trabalham com a coleção “*Veredas da Palavra*”, de Roberta Hernandez e Vima Lia Martin, da editora Ática, do ano de 2018. Geralmente, os textos utilizados do livro dependem do conteúdo trabalhado no dia. Por exemplo, em uma das turmas de 1º ano, cujo assunto era ‘Produção de Texto: Cartaz’, a maioria dos textos foi utilizada devido aos temas abordados nos cartazes (racismo, homofobia, violência infantil).

Diante desses relatos que, muitas vezes, são semelhantes aos da maioria dos profissionais de Língua Portuguesa, refletimos sobre a dificuldade de interpretação dos textos do livro didático de Português, por afirmarem ser esse um dos pontos desafiantes. Perguntamo-nos, então, até em que ponto esses professores estão dispostos a aprenderem mais, a se questionarem, a buscarem mais informações, a saírem da “zona de conforto” de apresentar aos alunos textos curtos e repetitivos de anos anteriores, para não serem desafiados a interpretar textos mais complexos e desconhecidos com os alunos, trazidos de coleções novas nos livros didáticos.

De acordo com as reflexões de Augusto Batista (1997), há esse distanciamento com o livro didático por parte dos professores porque estes não têm uma relação certa e profunda com a leitura. Segundo ele, os professores não são leitores e por isso até a escolha dos livros torna-se precária pela falta de competências para selecionar os livros impressos e utilizá-los em sala de aula. Além disso, não estimulam os seus alunos a lerem o livro e, conseqüentemente, o trabalho com a interpretação textual continua precária e dificulta o desenvolvimento do letramento dos estudantes.

A partir dos posicionamentos do pesquisador citado, muitos questionamentos são feitos acerca da má utilização do livro em sala de aula. Nas aulas de Português, principalmente no estudo dos conteúdos de literatura, pouco do que se é colocado nos livros é aproveitado, pois há uma apresentação resumida do contexto histórico, às vezes, apresentada em tópicos e a leitura dos textos literários é mínima. Por exemplo, para falar sobre o que é literatura, o livro traz: “A literatura é uma das formas de expressão artística do ser humano, juntamente com a música, a pintura, a dança, o teatro. [...] o material básico da literatura é a palavra. Literatura é a arte da palavra” (CEREJA, 2012, p.14). Aqui, o assunto poderia ser

explorado através de um gênero textual como um poema e as reflexões sobre o estilo, linguagem e forma utilizadas para compô-lo como sendo a própria literatura.

Um dos grandes desafios também apresentados para o ensino de Língua Portuguesa na utilização do livro didático é que os alunos estão vivendo a “era digital” e que, por isso, preferem materiais digitais. Belo (2002), reflete sobre essa mudança de interesse pelo tipo de material como sendo uma nova possibilidade. Porém, o livro em formato digital não traria o mesmo apoio e nem a mesma emoção que o livro impresso oferece, o sentimento de pegar, de “sentir o cheiro do livro”. No que diz respeito ao livro didático de Português, principalmente, corre-se o risco de perder muitas informações detalhadas que servem de base para a aprendizagem daquele tema discutido. Não é que o formato digital seja mais resumido, afinal ele pode trazer imagens, notas de rodapé, informações extras. Contudo, quando o aluno aprende a observar a riqueza de detalhes no livro impresso e este dá oportunidade de ele escrever, marcar as partes que o interessam, o aprendizado pode acontecer de forma mais rápida, espontânea e eficaz.

A utilização do livro de Português no Ensino Médio é motivo para muitas reflexões. Primeiro, porque é visto como uma conquista para essa etapa da educação básica, visto que até os anos 2000, aproximadamente, apenas o Ensino Fundamental tinha acesso ao livro como material de suporte. Segundo, porque mesmo sendo um dos instrumentos, e em muitos casos, o único para facilitar a aprendizagem do aluno, não é considerado o material ideal. Para alguns professores, a organização do livro não ajuda no trabalho com os conteúdos e por isso a sua aprovação é muito relativa. Para outros profissionais, a divisão que o livro traz entre a gramática, a literatura e redação não é propícia ao desenvolvimento das competências exigidas, já que estas exigem o contexto social e cultural em que cada conteúdo está inserido no processo de comunicação. Portanto, nunca estão satisfeitos com o livro que têm.

Por fim, é preciso maior atenção ao livro. Pode ser que o problema não esteja nele. Lógico, ele está em constante transformação e nunca vai ser um material completo, pronto, perfeito. O diferencial para as aulas de Português será a maneira como o professor irá conduzir as discussões, preparar o plano de aula e souber bem utilizar as ricas informações trazidas pelo livro, facilitando o processo de ensino-aprendizagem. Assim, trata-se de uma questão de formação docente.

EXEMPLIFICANDO A LEITURA LITERÁRIA ABORDADA NO LIVRO DE PORTUGUÊS

O primeiro livro didático que chamaremos de A traz como título *Português - Ensino Médio - Volume 2*, de José de Nicola, da Editora Scipione, 1ª edição, 2000. Foi adotado por alguns anos nas escolas como suporte para o ensino da língua. O livro é dividido em três partes: gramática, produção textual e literatura. Ou seja, essa separação, ao que nos aparece, não faz sentido para o objetivo da língua em torno da sua função social, pois quando as regras de gramática, por exemplo, vêm atreladas à produção de texto ou até mesmo aplicadas em um contexto fica muito clara a função social que elas exercem para o uso da língua.

O segundo livro, chamaremos de B, intitulado *Português Linguagens - Ensino Médio - Volume 1*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, da Editora Saraiva, 9ª edição, 2012, está organizado de uma forma mais dinâmica, em que cada unidade traz literatura, gramática e produção textual a partir de uma temática maior, abordada pela unidade e outros subtemas que dão nome aos capítulos. Assim, é possível ao aluno conhecer movimentos literários e as obras dos autores, em seguida, há uma reflexão sobre o uso da língua a partir de um elemento gramatical, por último, é possível ao jovem fazer uma produção com base nos conhecimentos que ele adquiriu.

No livro A, a literatura apresenta-se na terceira parte da obra. Ela vem desconectada da produção textual e do estudo do uso da língua. Analisaremos de uma forma específica o capítulo 1, sobre ‘Os estilos de época da Revolução Industrial à Primeira Guerra: Romantismo’. O início do capítulo apresenta alguns textos curtos acompanhados de imagens que são muito úteis para o desenvolvimento do letramento literário dos alunos, pois apresenta o movimento Romântico através de textos que conversam com outros gêneros como a pintura, a música e a arquitetura. Depois, temos quatro folhas apresentando o contexto histórico do movimento.

É interessante ressaltar aqui que para muitos estudantes esse conhecimento do contexto histórico é passageiro, pois um tempo após uma avaliação eles provavelmente esquecerão. Não que os acontecimentos históricos não sejam importantes. Mas para trabalhar o letramento literário, seria mais viável se os próprios alunos descobrissem as histórias a partir das narrativas, da interpretação do eu lírico de um poema. Infelizmente, o livro didático em questão tem um baixo desempenho nesse quesito, já que aborda o contexto histórico

separadamente e pronto. Corre o risco de que, quando o aluno puder ler uma obra literária da época, ele nem consiga relacionar com o contexto social que já tinha estudado.

Em seguida, o capítulo mostra os autores que mais se destacaram na época, as suas principais obras e a temática que eles abordavam. O livro traz alguns textos literários, principalmente as poesias próprias do movimento. O grande problema é que muitos alunos não leem com cuidado para captar as informações importantes. Do mesmo modo, alguns professores ainda não sabem como trabalhar os conteúdos do livro e por isso trazem outros textos e desvalorizam o material impresso que está ali à sua frente e não conseguem incentivar os alunos para leituras das obras.

No livro B, analisamos brevemente o capítulo 7 que traz como tema o ‘Arcadismo no Brasil’. Há uma imagem antes do conteúdo, voltada para a vida no campo, expressa a seguir:



(Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=arcadismo+no+brasil&xsrf=ACYBGNTCrOpr6ybR-10TbsJ6Vjcid8SbpQ:1569525757799&source=lnms&tbnm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjNtlmKm-kAhXnHrkGHfb-BO8Q_AUIEygC&biw=1517&bih=675#imgrc=OoygS2THBl_5XM:)

A partir das indagações do professor, é possível identificar a principal característica do movimento através da leitura da imagem, embora poucos professores deem atenção às imagens. Assim também como no livro A, o capítulo inicia diretamente com o contexto histórico: o surgimento do movimento árcade. Logo em seguida, a abordagem muda e ao falar sobre cada autor, ele apresenta um poema, acompanhado de uma imagem e algumas perguntas para compreensão intertextual. Eis um dos poemas:

*Acaso são estes
Os sítios formosos.
Aonde passava
Os anos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Enquanto passava
O gordo rebanho,
Que Alceu me deixou?
São estes os sítios?
São estes; mas eu*

*O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou(...)
(trecho retirado do poema Lira V- Tomás Antônio Gonzaga)*

Ao que nos parece, para o desenvolvimento do letramento literário, essa abordagem é essencial. É importante destacar ainda que, deste capítulo, o livro traz uma aba sobre literatura comparada (disciplina estudada na Universidade, na graduação em Letras), trazendo alguns poemas modernistas e árcades para analisar as características de cada um e fazer as comparações de linguagem, de contexto social e histórico, de formato e sentimento expresso pelo eu lírico.

Com essas breves análises nos capítulos dos livros, observamos que os livros didáticos recentes de Português têm procurado abordar a leitura como habilidade primordial para a aprendizagem da língua. No entanto, a leitura literária ainda está muito restrita a poesias. Poderiam ser acrescentados contos e para que haja maior adesão à leitura literária cabem aos professores/mediadores apontar/sugerir os livros indicados pelo livro para que os alunos conheçam as obras e a leitura delas contribuam para o letramento literário deles.

Para finalizar essa discussão, trazemos argumentos de dois grupos de alunos do Ensino Médio, ao término de uma experiência de aula que teve como material didático exclusivo o livro didático. Um dos grupos afirmou: “A experiência com os livros didáticos é proveitosa, apesar de que a célula (equipe) entrou em consenso de que preferimos outros métodos como TDs ou slides, pois o livro, apesar de ser norteador, é muito abrangente. Os papéis e slides são mais precisos e de fácil compreensão”.

Para alguns alunos, o livro ainda apresenta conteúdos com um nível muito elevado de compreensão e por isso eles preferem outros materiais, embora considerem a importância do livro e que a sua utilização como suporte é necessária. Para outros alunos, o livro como material didático facilita e muito a aquisição dos conteúdos. É o caso do segundo grupo que expressou: “O livro didático é muito essencial para a aprendizagem do aluno, pois ele apresenta tópicos essenciais que nos fazem aprofundar o nosso conhecimento. Ele serve de referência para o nosso entendimento e o uso dele facilita encontrar as respostas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato é que sempre encontraremos quem defenda a política dos livros didáticos em sala de aula e, também, quem critique o ensino restrito ao livro didático. A conclusão a que chegamos é que o livro didático contribui muito com a aprendizagem dos alunos e que mesmo com suas limitações ele é, em muitos casos, o único material acessível para pesquisa, leitura e estudo que os alunos têm. Dependendo da maneira como é utilizado e a didática do professor, não somente nas aulas de Língua Portuguesa, ele pode ser um instrumento que pode contribuir com o processo de ensino e de aprendizagem, inclusive podendo ser, também, um objeto de transformação na vida dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Antônio Augusto G. Aula de Português: discurso e saberes escolares. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: Linguagens, 1- 9ª ed. – São Paulo: Saraiva, 2013.
- CHARTIER, Roger. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- CHOPPIN, Alain. “ História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte.” In. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.30, Nº 3, p.549-566, set/dez.2004
- NICOLA, José de. Português: Ensino Médio, volume 2- São Paulo: Scipione, 2005.
- OLIVEIRA, Margarida Maria Dias & OLIVEIRA, Itamar Freitas. Cultura histórica e livro didático ideal: algumas contribuições de categorias rüsenianas para um ensino de História à brasileira. V. 21, n. 2, Passo Fundo, p. 223-234, jul./dez. 2014 | Disponível em www.upf.br/seer/index.php/rep
- OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de & STAMATTO, Maria Inês Sucupira (Org.). O livro didático de História: políticas educacionais, política e ensino. Natal: EDUFRRN, 2007.
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Letramentos escolares: coletâneas de textos nos livros didáticos de língua portuguesa. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 28, n. 2, 433-465, jul./dez. 2010
- SILVA, Célia Maria Medeiros Barbosa da. Língua portuguesa no ensino médio: livro didático e linguagem. UnP, 2015. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25528/25528.PDFXXvmi> (acesso em 15 de julho de 2019)
- SOARES, Magda. Português na escola: História de uma disciplina curricular. In: BAGNO, M. (org.). Linguística da norma. São Paulo: Loyola, 2002